



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### LEGITIMAÇÃO NO PODER POLÍTICO E EFEITOS DE SENTIDO (NA MÍDIA)<sup>282</sup>

Ricardo Pereira Vieira\*  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva\*\*  
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva\*\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Neste trabalho analisamos os discursos político-jurídicos sobre Hugo Chávez materializados na revista de informação *Veja*. Objetivos: a) leitura das edições da revista *Veja* para identificar as posições de sujeito em funcionamento em relação a Chávez no poder; b) identificar as características que possibilitam subjetivar Chávez nas posições de sujeito identificadas; c) comprovar que existem três enunciados de fundo político e jurídico sobre Chávez, materializados nos textos analisados; e, finalmente, d) observar a forma como Chávez é representado e relacionado a determinados eventos e atores políticos. O corpus da pesquisa é constituído de edições da revista *Veja* que circularam entre os anos de 1999 e 2009. No desenvolvimento da análise do corpus foram mobilizados conceitos operacionais do campo teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD) e da filosofia de Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hugo Chávez, Discursos político-jurídicos, Análise do Discurso.

---

<sup>282</sup> Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Discursos sobre o poder político, efeitos sujeito e efeitos sentido em diferentes materialidades significantes”, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Fonseca-Silva e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edvania Gomes da Silva.

\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da – UESB, membro do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso – GPADis (CNPq/UESB). E-mail: ricardo\_advog@hotmail.com

\*\* Orientadora – Professora do Mestrado em Linguística – GPADis / UESB. edvania\_g@yahoo.com.br

\*\*\* Co-orientadora – Professora do Mestrado em Linguística – GPADis /UESB. E-mail: con.fonseca@gamil.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que a política encenada na mídia ampara-se e constrói-se em lugares de memória socialmente instituídos e analisamos algumas formulações de edições (que circularam no período compreendido entre maio de 2005 e novembro de 2007) do semanário brasileiro *Veja* sobre Hugo Chávez, no intuito de mostrar o funcionamento de posições de sujeito em que atores políticos da contemporaneidade encontram-se subjetivados e as implicações da encenação da esquerda da mídia. Considerado como um dos mais importantes líderes da esquerda da América latina, Chávez tem ocupado espaço na mídia, principalmente na brasileira, desde 1998.

À luz do enfoque multidisciplinar necessário para desenvolvermos este trabalho, mobilizamos conceitos operacionais de Foucault, Pêcheux, Ricouer, Orlandi. O corpus que selecionamos para análise neste trabalho é constituído de formulações verbais e não verbais das seguintes edições de *Veja*: 1903 de 04/05/2005, 1955 de 10/05/2006, 1986 de 13/12/2006, 2033 de 07/11/2007 e 2036 de 28/11/2007, constituindo-se em um recorte do que se pretende analisar até a final concretização da pesquisa.

### Notas iniciais sobre Chávez no jogo de memória encenada na mídia

A questão da memória não pertence somente a um campo do conhecimento. Ao contrário, tem sido objeto de investigação de diferentes áreas. Basta um rápido percurso de leitura desde Hesíodo (século VII a.C) até os dias atuais, como mostra Fonseca-Silva (2007a), para constatar a complexidade do tema em questão. É, portanto, um campo multimodal de difícil delimitação conceptual. Dado, pois, que o limite desse trabalho nos impede de fazer uma discussão considerando os

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

diferentes campos de saber, tomamos o conceito postulado Foucault (1969) que toma a memória como um campo associado ou domínio de memória.

Na perspectiva desse autor, a memória como campo associado ou domínio de memória relaciona-se ao conceito operacional de enunciado que pertence a um domínio de memória constituído pelo conjunto de formulações, “no interior das quais o enunciado se inscreve e com as quais poderá se apagar ou ser valorizado, conservado, cristalizado e oferecido como objeto a discursos futuros”, conforme Fonseca-Silva (2007b, p. 21) que salienta que o enunciado de que trata Foucault (1969), segundo essa autora, além de pertencer a um domínio de memória, é definido como unidade elementar do discurso e como função de existência que pode incidir tanto sobre um conjunto de signos lingüísticos quanto sobre um conjunto de signos não lingüísticos, desde que tenham uma posição de sujeito que pode ser exercida por diferentes indivíduos. Acrescenta que, num domínio de memória, os enunciados apresentam-se dispersos no tempo, diferentes em sua forma e formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto de discurso.

Para Foucault (1969) a história tradicional “se dispunha a ‘memorizar’ os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem” (1969, p. 08). O monumento era tratado “monumento-documento”, ornamentado para lembrança. Ao fazer a crítica, o autor propõe o abandono da crítica documental, defendendo que é preciso ir nos cantos da história onde não se havia dado atenção, escavar dados, serializar documentos aparentemente banais, porque é aí que a verdade da história se inscreve. A esses documentos, o autor denomina de “documento-monumento”.

Nesse sentido, as revistas de informação, a exemplo de *Veja*, que, aparentemente não se prestariam a registrar dados relevantes (até mesmo do

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ponto de vista científico), se serializadas, vasculhadas, esmiuçadas, podem ser tomadas como documentos-monumentos ou lugares de memória de um discurso político e jurídico sobre Hugo Chávez. Vejamos.

A capa da edição de Veja 1903 de 04/05/2005 (figura 1 abaixo) apresenta a imagem do rosto de Hugo Chávez em uma fotografia frontal retratando um gestual facial misto de seriedade e desprezo (ou de obstinação) em que o olhar fixo parece alcançar o infinito.



Figura 1. Veja, edição 1903 de 04/05/2005

As roupas vermelhas (casaco e boina militar) autorizam relacionar aquele que os vestem como alguém ligado a uma ideologia de esquerda, reforçada tal conclusão pelo título da edição, qual seja: “Quem precisa de um novo Fidel?”. Mais adiante, os dizeres do índice caracterizam o personagem em destaque como “ameaça” para toda a América Latina, nela entendendo-se estar o Brasil por óbvio (assim como menciona que Fidel Castro também o seja, ou pelo menos tenha sido até a data da sua morte), por meio das formulações: “Chávez: um risco para toda a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

América Latina” e “Chávez: Presidente Venezuelano desestabiliza a América Latina”.

O discurso que está materializado nessa capa pode ser identificado também em formulações linguísticas da reportagem de interior, páginas 152 e 153, intitulada “Chávez: o clone do totalitarismo” que se encontra no interior dessa mesma edição da revista:

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, há mais de seis anos no poder, ameaça a estabilidade da América Latina com o financiamento e o apoio a grupos radicais de países vizinhos, a formação de uma milícia civil, o uso do petróleo para chantagear as repúblicas da América Central, a compra de armas e a aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro, de quem está se tornando um clone malfeito e extemporâneo. Na Venezuela, Chávez adotou um governo centralizador, mudou as leis para controlar melhor a oposição e aumentou o tamanho do Estado, levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região (VEJA, edição 1903, p. 152-153).

O discurso sobre Chávez é retomado, ou seja, Chávez encontra-se subjetivado numa posição de “ameaça”, conforme podemos observar nas formulações: “ameaça a estabilidade da América Latina”, “financiamento e apoio a grupos radicais”, “chantagear as repúblicas”, “compra de armas”, “aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro”, “adotou um governo centralizador”, “mudou as leis para controlar melhor a oposição” e, finalmente “levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região”.

Percebemos que, além da posição de ameaça, outra posição de sujeito está em funcionamento nas formulações “aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro”, “adotou um governo centralizador”, “mudou as leis para controlar melhor a oposição” e “levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região”. É a **posição de ditador, de tirano – aqui entendido como aquele que**

---

**não quer perder/largar o poder, que fica cego pelo poder**, como Édipo-Rei, analisado por Foucault (1974). Dessa posição de sujeito, então, Chávez aumenta o Estado, centraliza o poder, alia-se a outro ditador, suprime e controla a oposição e acaba com a democracia da Venezuela. Se identificamos duas posições de sujeito, podemos dizer que há dois enunciados nessas formulações analisadas. Esses enunciados vão ser retomados em outras edições.



Figura 2. Veja, edição 1955 de 10/05/2006

Na capa da edição 1955 de 10/05/2006 (figura 2 acima), a imagem do presidente brasileiro Lula é colocada de costas, em pose desolada, com um chute (um pontapé) no “traseiro”, como se expulso ou destituído de alguma posição. O “pé” que o chutou usava sapatos sujos de óleo, no caso: o petróleo, que é a principal marca de riqueza da Venezuela e uma grande força econômica também para o Brasil, com a empresa pública Petrobrás. Tanto na formulação não verbal quanto na formulação verbal: “Lula dormiu com o “grande gula” da América latina e acordou como mais um bobo da corte do venezuelano Hugo Chávez, que tramou o roubo do patrimônio brasileiro na Bolívia”, dessa capa, há uma posição de sujeito

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

em que o Brasil, governado por Lula, foi traído por Chávez que é uma ameaça ao patrimônio brasileiro e para a América Latina.

No índice da mesma edição, encontramos ainda, uma imagem documento-monumento (figura 3 abaixo), que mostra Hugo Chávez e Evo Morales, então presidente da Bolívia, rindo, galhofando de proeza, no caso: nacionalização da produção de gás e de petróleo do seu país por meio da apropriação de bens (usinas, refinarias etc.) da Petrobrás sob a determinação de Hugo Chávez, que aparece subjetivado numa posição de ameaça, que se fortalece fazendo alianças com outros atores políticos aliados.



Figura 3. Veja, edição 1955, p. 10.

Nas páginas 88 e 89 da mesma edição, uma foto (ver figura 4) retrata Chávez, Fidel e Morales se confraternizando em comemoração e Lula sentado em pose pouco estimulante olhando fixo em alguma direção como quem se depara com algo que não esperava.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011



Figura 4. Veja, edição 1955 de 10/05/2006 – p. 88-89.

A figura 4 apresenta Fidel como referência, ao fundo, lançando um olhar entreaberto de aprovação ao aperto de mãos de Chávez e Morales à frente. A diferença de sombras atrás da orelha de Chávez e a aba da boina de Fidel indicam tratar-se de **uma montagem de fotografia**, ou seja, o jogo de olhares do cubano foi propositadamente construído para causar este efeito de sentido. Nessa mesma foto, denominada de “Os líderes e o liderado”, Lula (e, por conseguinte, o Brasil) é apresentado destituído de uma posição de sujeito que supostamente possuía: a posição de líder dos países latino-americanos.

Nesse percurso de análise dessa série, atentamo-nos para o fato de que os enunciados, no sentido de Foucault, são raros, mas as suas formulações (as formas como se apresentam textual e pictoricamente) são inúmeras. Os mecanismos de lembrança e esquecimento, regulados por uma rede de saber-poder, determinam o que pode e deve ser dito por meio e/ou a respeito de um determinado “lôcus subjetivo”, de um lugar de subjetivação, pois, como diz Foucault “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2006. p. 26).

Isto posto, questionamos: por que esses textos (capas e matérias) foram produzidos dessa forma e não de outra? Porque foram ditas, escritas e representadas pictoricamente desta maneira e não diferentemente? Por que foi



## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Chávez (por vezes relacionado a Fidel Castro) o protagonista dessas matérias e não outros governantes, como o 1º ministro da Rússia ou do Japão, por exemplo?

Essas questões nos permitem pensar essa série como um **acontecimento discursivo**, dada a sua presença marcada nesta rede do que pode e deve ser dito sobre algo/alguém, e que opera segundo uma ordem, segundo uma regra, neste jogo do que pode e deve ser feito, ou até mesmo silenciado e esquecido.

Para Foucault as coisas não preexistem às práticas discursivas. Assim, identificar, portanto, na materialidade discursiva encenada na mídia que Chávez encontra-se subjetivado em determinadas posições de sujeito, facilita a percepção de que há implicações nas relações de saber, de poder, de verdade, para além das ingenuidades que outros tipos de análises tradicionais ou lineares (políticas, sociais, históricas, econômicas etc.) podem apresentar.

Na edição 1986 de 13/12/ 2006, Chávez aparece representado na capa (figura 5 a seguir) por um boneco que foi ou teria sido distribuído em sua campanha pela reeleição na Venezuela.



Figura 5. Veja, edição 1986 de 13/12/2006

As roupas e a cor verde escuro que aparecem nas roupas simbolizam o campo “militar” e a cor vermelha, o “Comunismo”. A sombra do boneco, ao fundo, é

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

apresentada como Fidel Castro, indicando modelo ou referencial antecedente de Chávez (numa relação de antecessor x sucessor), de modo que o efeito de sentido seja o de que os dois têm os mesmos ideais e propósitos, subjetivam-se, portanto, na mesma posição de sujeito. Ao centro, é apresentada a formulação linguística: “Com Fidel Castro à morte, Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina”.

Os mesmos elementos das representações pictóricas das edições anteriores presentes na capa da figura 5 indicam repetição e retorno da mesma posição de sujeito em que Chávez é uma ameaça, associada ao comunismo, a uma doutrina revolucionária de esquerda. O efeito de sentido é que a ameaça que Chávez representa é a ameaça do comunismo, a ameaça vermelha, simbolizada na imagem.

A capa da edição de Veja 2033 de 07/11/2007 (figura 6 abaixo) apresenta a seguinte formulação Linguística: “Chávez, à sombra do Ditador. Como o desvario ideológico abala a vida dos Venezuelanos”.



Figura 6. Veja, edição 2033, de 07/11/2007

Ao centro da capa, aparece um boné cap vermelho, acima do nome Chávez em letras garrafais amarelas, com leve efeito: o homem do cap é também o dono

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

daquele nome. É insubstituível, outro nome não cabe ali. O nome abaixo do cap monopoliza aquela posição, aquele lugar. A posição de sujeito assinalada indica que o enunciado presentificado é o de que Chávez é o dono do poder na Venezuela (monopoliza o poder): é um ditador. Este mesmo enunciado é retomado nas seguintes formulações linguísticas, no interior da mesma edição: “Como Hugo Chávez destruiu a democracia na Venezuela” (p. 8); “À SOMBRA DE ‘EL SUPREMO’ – A DITADURA EM FORMA DE LEI (p. 86-87).

As duas posições de sujeito identificadas nas edições anteriores são retomadas na capa da edição 2036 de 28/11/2007 (figura 7 a seguir) que trata da Forças Armadas brasileiras e seu potencial bélico, do “ARMAMENTISMO DE HUGO CHÁVEZ” e de como os oficiais vêem esta questão. Há dois enunciados, portanto, em funcionamento no jogo de memória encenada na mídia sobre Chávez: Chávez é uma ameaça à soberania nacional; Chávez é um ditador, um tirano.



Figura 7. Veja, edição 2036 de 28/11/2007

Na capa apresentada na figura 7, aparecem os contornos de um oficial usando um cap do exército brasileiro em tom totalmente sombreado sobre fundo claro, despersonalizando a imagem do modelo. Todavia, o uso de um brasão oficial

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

militar em destaque como única imagem nitidamente preenchida da figura, reitera um efeito de sentido de inimizade particular com o “Brasil” quando particulariza dois lados: o país dos oficiais entrevistados (cujo cap ostenta tal brasão) e o país sobre tais militares são questionados, ou seja, a “Venezuela de Chávez”, “governada por Chávez”, daí a formulação “Armamentismo de Hugo Chávez”, provocando um efeito de sentido de que o problema daquela república é o seu governante subjetivado na posição um ditador, de um tirano, posto que se outra fosse a razão da preocupação com o fortalecimento bélico do vizinho a encenação discursiva da esquerda da mídia poderia ser outra.

Ressaltamos que o esquecimento é um dos importantes instrumentos da memória. Ao tratar dessa questão Ricoeur (2000, p. 455) afirma que “assim, como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. (...) pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”. Daí que a retomada de um enunciado joga com a lembrança criando/determinando um **regime de verdade** sobre Hugo Chávez e a própria esquerda encenada na mídia, de acordo com o qual **a memória do esquerdismo/comunismo é atualizada como algo démodé e anacrônico**, destarte, ultrapassada e deslocada no tempo.

Em abril de 2008, o porta-aviões Americano USS George Washington esteve em águas brasileiras para um exercício de guerra reunindo as forças armadas de EUA, Brasil e Argentina. Ao se descobrir o tamanho do poderio arsenal bélico nuclear, instaurou-se uma pequena crise diplomática entre EUA e governo brasileiro. Segundo a mídia especializada tratava-se de um avião que sozinho possuía mais força em guerra do que todo o armamento, marinho terrestre e aéreo do Exército nacional. Atracado na Baía de Guanabara, foi convidado a se retirar da faixa marítima do território nacional. Veja, no entanto, não noticiou, não encenou o acontecimento sobre o impasse entre Brasil e EUA.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Quais seriam os efeitos de sentido se tal acontecimento discursivo tivesse sido encenado na capa de edições de *Veja* ou de outras revistas de informação que circulam no país? A encenação desse acontecimento não estava autorizado pelas regras do jogo, não estava na **ordem do discurso** – no sentido de Foucault (1971). Será que Chávez representa maior poderio bélico que este único navio americano? Como Chávez e sua Venezuela estão sendo subjetivados ou assujeitados e em que posição de sujeito se encontra os EUA? O porta-aviões “de um” certamente não é o mesmo porta aviões “do outro”. Para tratar do que é memorizável, segundo Pêcheux (1983), é preciso entender o acontecimento que escapa à inscrição que não chega a se inscrever, de um lado, e o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse acontecido, de outro lado.

### CONCLUSÕES

As questões que nos colocamos a pensar dizem respeito ao fato de que na análise de acontecimentos discursivos devemos sempre perguntar: Por que isto foi e está sendo dito e não aquilo? Por que isto foi lembrado e aquilo foi esquecido? No jogo de memória encenada na mídia sobre Chávez, o silenciamento condiz não só com as regras do que pode e deve ser dito, no sentido de Foucault (1969), mas também com uma lei do que deve-se evitar dizer ou fazer (esquecimento) em determinado lugar de sujeito ou em relação a uma determinada posição de sujeito. Nesse sentido, o silêncio possui importância nessa dinâmica das formulações, no interior das quais os enunciados se inscrevem e com as quais se apagam ou são valorizados, cristalizados, esquecidos, lembrados e oferecidos como objeto a discursos futuros. Conforme Orlandi (1993), o silêncio pode ser entendido como silêncio “imposto”, em que o sujeito é excluído, ficando sem voz e sem sentido, e como silêncio “proposto”, como uma forma de resistência, de defesa e proteção. É



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

assim que as nossas hipóteses aos poucos vão sendo comprovadas e se consolidando no sentido que no Discurso (Foucault, 1969) sobre Chávez que circula na mídia impressa: **Chávez é um Tirano; Chávez é um inimigo externo brasileiro;** e, finalmente, **Chávez é um comunista [démodé]**. Isso ao menos na revista de informação Veja – o que já bastante significativo por ser a revista de informação mais lida no Brasil (Fonseca-Silva, 2007a) –, o que demanda a verificação da circulação destes três enunciados (e eventualmente outros de ordem político-jurídica) em outras materialidades significantes na mídia em geral.

### REFERÊNCIAS

- FONSECA-SILVA, M. da C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007a.
- FONSECA-SILVA, M. da C. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Edição original: 1969.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Edição original: 1971.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. Edição original: 1983.
- RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Edição original: 2000.